

A partícula 'tá(~matá)' na estrutura oracional da língua guajá The particle 'tá(~matá)' in the clause structure of Guajá

Heloisa Lima Salles 

Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: O artigo examina as propriedades morfossintáticas da partícula 'tá(~matá)' na estrutura oracional da língua guajá, considerando seu desenvolvimento em termos de uma abordagem formal da gramaticalização. Partindo do estudo de Magalhães (2007), em que tal categoria é analisada como partícula aspectual projetiva (PROJ), discutimos seu estatuto sintático, tomando por base a ocorrência de correlatos em outras línguas da família Tupí-Guaraní (TG), particularmente na língua kamaiurá. Adotando o quadro teórico gerativista (Chomsky, 1995), propomos que a partícula projetiva 'tá(~matá)' (PROJ) do guajá realiza o núcleo funcional [T(ense)], definido por um modelo cartográfico da estrutura oracional. Essa análise é avaliada em relação às propriedades estruturais da negação, por um lado, e à distribuição dos traços de concordância de sujeito, por outro lado.

Palavras-chave: Gramaticalização. Categoria funcional. Transitividade. Estrutura argumental.

Abstract: This study examines the morphosyntactic properties of the particle 'tá(~matá)' in the clause structure of the Guajá language, considering its development in terms of a formal grammaticalization approach. I start from work by Magalhães (2007), which analyzes this category as an aspectual projective particle (PROJ) and subsequently examine its syntactic status, considering correlates in other Tupí-Guaraní languages (particularly Kamaiurá). I adopt the generative framework (Chomsky, 1995) and propose that the projective particle 'tá(~matá)' in Guajá lexicalizes the [T(ense)] functional head, which is defined within a cartographic model of clause structure. This analysis is evaluated with respect to the structural properties of negation as well as the distribution of subject agreement properties in these predicates.

Keywords: Grammaticalization. Functional category. Transitivity. Argument structure.

SALLES, Heloisa Lima. A partícula 'tá(~matá)' na estrutura oracional da língua guajá. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 791-804, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300006>.

Autora para correspondência: Heloisa Lima Salles. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Instituto Central de Ciências. Ala Sul. Mezzanino. Brasília, DF, Brasil. CEP 70910-900 (heloisallas@gmail.com; hsalles@unb.br).

Recebido em 01/04/2019

Aprovado em 29/10/2019



CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O estudo examina as propriedades morfossintáticas da partícula 'tá(~matá)' na estrutura oracional da língua guajá, definindo seu estatuto categorial em termos da abordagem formal da gramaticalização proposta em Roberts e Roussou (2003)¹. Assumindo perspectiva translinguística, investigamos a hipótese de que a manifestação dessa categoria está associada à ocorrência de uma categoria lexical (homônima) no inventário lexical dessa língua, em fase prévia da língua. Essa hipótese toma por referência os dados como (1) e (2), em que a partícula 'tá(~matá)' é analisada como um operador temporal/projetivo (Magalhães, 2007)². Argumenta-se que o operador funcional de tempo (futuro) se fixou na estrutura oracional por um processo de gramaticalização, em que sua manifestação como categoria lexical (verbal) transitiva sofre reanálise (estrutural), passando a ocorrer como categoria funcional na estrutura oracional³.

- | | | |
|-----|--|---------------------------------------|
| (1) | a-jahó tá
1-ir PROJ
'Eu vou./'Eu quero ir.' | guajá

Magalhães (2007, p. 174) |
| (2) | are=Ø-ka'á tá rapé jehe'é
123=R ² -mata PROJ PERF PERF
'Nós já teremos a nossa mata.' | guajá

Magalhães (2007, p. 118) |

A análise parte da observação de que a partícula 'tá(~matá)' da língua guajá encontra correlato em outras línguas da família Tupí-Guaraní (TG), o que permite abordar a questão também pelo ponto de vista translinguístico. Em relação ao processo de gramaticalização, é possível demonstrar a ocorrência de fenômeno idêntico em famílias e troncos linguísticos distintos. É o caso do desenvolvimento de auxiliares modais do inglês, particularmente no caso de 'will', que deixa de ser um verbo nocional/lexical com denotação volitiva, capaz de selecionar argumentos, e passa a ocorrer como marcador temporal de futuro, mediante um processo que favorece estruturas menos complexas (Lightfoot, 1991, 1999; Roberts; Roussou, 2003).

Na presente análise, essa categoria passa a ocorrer como uma partícula dedicada no léxico, que realiza, por meio da operação 'fundir' (*merge*), um núcleo funcional na estrutura oracional, o que resulta em uma estrutura menos complexa, se comparada à situação de sincretismo morfossintático, em que uma dada categoria acumula propriedades gramaticais de duas (ou mais) posições na estrutura oracional, por movimento (*move*). Essa questão será retomada.

Adotando a hipótese da gramática universal (GU), no âmbito do programa minimalista (Chomsky, 1986, 1995), e (parcialmente) a análise de Maia et al. (1999) em relação à estrutura oracional de línguas indígenas brasileiras, propomos que a partícula aspectual projetiva (PROJ), conforme postulada em Magalhães (2007), lexicaliza o núcleo funcional Tempo (T) na estrutura oracional. Essa análise é avaliada em relação à hipótese de que a partícula 'tá(~matá)', na projeção de

¹ Designamos a partícula relevante como 'tá(~matá)' para indicar o caráter variável das formas 'tá' e 'matá', conforme Magalhães (2007). Tais formas alternam com 'tar' e 'matar', respectivamente, por condicionamento fonológico, na presença de vogal no item subsequente da estrutura sintagmática.

² Preliminarmente, consideramos que, em (1), a partícula 'tá(~matá)' é um operador modal/temporal, enquanto, em (2), pressupõe-se uma estrutura de cópula existencial (nula), marcada igualmente por um operador temporal de futuro.

³ As abreviaturas e as glosas serão esclarecidas no decorrer da descrição e também em lista ao final do artigo, observando-se sistematização dos autores citados. Tais índices marcam correferência.

tempo (TP) da oração matriz, codifica dependência temporal em relação à projeção de Tempo do predicado encaixado, o que resulta em um processo de reestruturação de predicados (Wurmbbrand, 2001), por um lado, e pela presença de marcas flexionais de concordância de sujeito na estrutura do predicado, por outro lado.

A discussão será desenvolvida como a seguir: na seção “Propriedades gramaticais da partícula ‘**tá**(~**matá**)’ na língua guajá, família Tupí-Guaraní”, apresentamos a distribuição do item lexical ‘**tá**(~**matá**)’, na estrutura oracional, considerando, como ponto de partida, a análise de Magalhães (2007), segundo a qual esse item é uma partícula aspectual projetiva (PROJ); em seguida, apresentamos correlatos da partícula ‘**tá**(~**matá**)’, em outras línguas da família TG, considerando particularmente a língua kamaiurá e as propriedades gramaticais postuladas em Seki (2000); na seção “A partícula ‘**tá**(~**matá**)’ como categoria funcional”, apresentamos a abordagem formal da gramaticalização conforme proposta em Roberts e Roussou (2003), seguida de sua aplicação na análise do item ‘**tá**(~**matá**)’ da língua guajá; por fim, apresentamos as considerações finais.

PROPRIEDADES GRAMATICAIS DA PARTÍCULA ‘**tá**(~**matá**)’ NA LÍNGUA GUAJÁ, FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

A língua guajá pertence ao grupo VIII da família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1984-1985). Os falantes estão estimados em cerca de 500 indivíduos, distribuídos nas terras indígenas (TI) Caru, Alto Turiaçu e Arariboia, localizadas no noroeste do estado do Maranhão, Brasil. Embora tenha havido trabalhos esparsos, a documentação dessa língua obteve um tratamento consistente, particularmente a partir do trabalho da linguista Marina Magalhães, que produziu uma alentada tese de doutorado, defendida em 2007, intitulada “Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupí-Guaraní)”, dedicando-se desde então, com seus colaboradores, a aprofundar a investigação sobre a língua, no aspecto gramatical, e também do ponto de vista das questões socioculturais, uma exigência do quadro teórico funcionalista em que desenvolve a análise teórica, e também em relação às demandas educacionais da nação indígena Awa-Gujá, diante da situação de vulnerabilidade a que está exposta.

Como será demonstrado, o estudo de Magalhães (2007) constitui uma referência para o presente artigo, não só em relação à base empírica, como também em relação à análise teórica. Adicionalmente, considera-se a obra de Seki (2000) intitulada “Gramática do Kamaiurá”, além dos estudos de Rodrigues (1953, 1996), entre outros tupinistas, a serem referidos oportunamente.

De acordo com Magalhães (2007), o item ‘**tá**(~**matá**)’ inclui-se entre as chamadas partículas intrapredicado, tendo em vista sua posição fixa após o núcleo do predicado, antes dos afixos flexionais⁴. Conforme observa a autora, essas categorias distinguem-se dos outros afixos por terem acento próprio, a que se acrescenta a distribuição complementar em relação a outras categorias que codificam as seguintes propriedades gramaticais: aspecto, modalidade, quantificação, tempo, modo e negação. Na análise de Magalhães (2007, p. 128), a partícula ‘**tá**(~**matá**)’ codifica o aspecto projetivo (PROJ), denotando “[...] a projeção de um evento ou [um] estado [...]”, conforme ilustrado em (3), (4) e (5), respectivamente.

(3)	Ø-iká	matá	kamará-Ø	'a-peka	'a-pe	guajá
	3-matar	PROJ	índio-N	lá-LOC	mato-LOC	
	'O índio quer matar para lá, no mato.'					Magalhães (2007, p. 80)

⁴ Na análise de Magalhães (2007), o item ‘**tá**(~**matá**)’ é uma partícula, que se distingue dos afixos. Enquanto afixos não possuem acento próprio, ocorrendo na estrutura da palavra, partículas possuem acento próprio e realizam propriedades gramaticais no nível sentencial.

(4) amỹn-a Ø-ky tá ajpó guajá
 chuva-N 3-cair PROJ POSS
 'Talvez chova.' Magalhães (2007, p. 86)

(5) i-kirá tá guajá
 R²-gordo PROJ
 'Vai ficar gordo.' Magalhães (2007, p. 128)

Segundo a autora, do ponto de vista sintático, a partícula 'tá(~matá)' forma uma unidade com o predicado, admitindo ser separada do núcleo apenas por outros morfemas de mesma natureza, ou forma uma unidade morfológica com outros elementos. É o que está ilustrado, respectivamente em (6) e (7), a seguir:

(6) Ø-wehẽ ramõ té tá guajá
 3-sair IMED REAL PROJ
 'Vai nascer agora mesmo.' Magalhães (2007, p. 112)

(7) n=a-xá tár-i-hí guajá
 NEG=1-ver PROJ-NEG-INTS
 'Não vou ver./Não quero ver mesmo.' Magalhães (2007, p. 128)

Além dos contextos em que o núcleo do predicado descreve um evento ou um estado, a partícula 'tá(~matá)' também ocorre em estrutura em que o núcleo da predicação é um sintagma nominal, conforme ilustrado a seguir:

(8) ha=Ø-kahá tá-Ø inuhũ, Marina guajá
 1=R¹-rede PROJ-N duas, Marina
 'Vão ser minhas redes. As duas, Marina.' Magalhães (2007, p. 164)

(9) a-kijé ha=Ø-manũ ta-há r-ia guajá
 1-temer 1=R¹-morrer PROJ-NZR R¹-ABL
 'Eu tive medo de morrer.' [Eu temi minha morte (futura)] Magalhães (2007, p. 129)

Em (8), o sintagma nominal possessivo ocorre como núcleo de um predicado equativo, por seu caráter proposicional, sendo a categoria projetiva, por hipótese, realizada na estrutura do sintagma nominal, o que se confirma pela presença do morfema (nulo) marcador do caso argumentativo (glosado como N)⁵. Em (9), o verbo 'temer' tem como argumento o sintagma nominal, marcado pelo sufixo nominalizador (NZR). Nesse caso, a partícula PROJ

⁵ Em relação ao afixo glosado como N (marcador de caso argumentativo), seu estatuto nulo está qualificado em Magalhães (2007), no âmbito de uma análise que distingue os nomes em posição argumental dos demais contextos sintáticos, em que nomes ocorrem como predicados e em posição de adjunção. Nesse caso, o nome pertence à classe dos que são marcados com morfema zero, por razões morfofonológicas relativas à anexação do afixo marcador de N.

também ocorre na estrutura do sintagma nominal, o que se confirma pelo fato de que o sufixo nominalizador ‘-há’ ocorre anexado à partícula PROJ⁶.

A análise proposta por Magalhães (2007) para a partícula ‘tá’ do guajá está formulada em termos semelhantes para o kamaiurá, língua do grupo VII, na classificação de Rodrigues (2011), como se depreende da análise de Seki (2000), na obra “Gramática do Kamaiurá”. Nessa língua, a raiz ‘potat’ é analisada como ‘desiderativa’ (DES), o que permite considerá-la um correlato da partícula projetiva (PROJ) ‘tá(~matá)’ do guajá. Diferentemente do que ocorre nessa língua, na língua kamaiurá, a categoria correspondente forma uma unidade morfológica com o verbo.

- | | | |
|------|---|-------------------------------------|
| (10) | ere-o-potat
2SG-ir-DES
'Você quer ir.' | kamaiurá

Seki (2000, p. 147) |
|------|---|-------------------------------------|

De acordo com Seki (2000, p. 134), a ocorrência dessa categoria está vinculada à expressão do aspecto, na denotação de uma situação iminente, o que explica sua análise como ‘iminentivo’ (INST)⁷:

- | | | |
|------|---|-------------------------------------|
| (11) | moĩ-a a-pyrũ-potat
cobra-N 1SG-pisar-INST
'Eu quase pisei na cobra.' | kamaiurá

Seki (2000, p. 134) |
|------|---|-------------------------------------|

Seki (2000, p. 132) observa, ainda, que “[a] raiz ‘-potat’ funciona também como verbo transitivo independente [...]” – conforme o exemplo (11) –, correspondendo à descrição ‘querer/gostar’⁸.

- | | | |
|------|--|-------------------------------------|
| (12) | oro-potat
1SG/2SG-gostar
'Gosto de você.' | kamaiurá

Seki (2000, p. 132) |
|------|--|-------------------------------------|

Seki (2000) acrescenta que o item ‘potat’ do kamaiurá é também encontrado como núcleo lexical transitivo de um predicado volitivo, que toma como argumento interno um evento, realizado por uma nominalização, conforme ilustrado a seguir⁹:

- | | | |
|------|---|-------------------------------------|
| (13) | a-potar=ete kunu’um-a i-jo-taw-a
1SG-querer=ATUAL menino-N 3-ir-NZR-N
'Eu quero que o menino vá (a Brasília).' | kamaiurá

Seki (2000, p. 173) |
|------|---|-------------------------------------|

⁶ A hipótese de que a partícula ‘tá(~matá)’ está no domínio da nominalização sustenta-se em sua afixação à partícula nominalizadora. Não vamos entrar nos detalhes sobre a sintaxe da categoria ‘tá(~matá)’ na estrutura da nominalização, por exigirem considerações que vão além do escopo da presente discussão.

⁷ Na glosa do exemplo (11), Seki (2000) usa a abreviatura [INST] referindo-se ao morfema ‘iminentivo’. Mantenho a notação do original.

⁸ A tradução de *potat* pelo verbo ‘gostar’ é considerada adequada por captar em português a denotação volitiva aplicada a um ser animado, em oposição a um ser inanimado. Cabe observar o uso da expressão ‘querer bem’, em português, como sinônimo de ‘gostar’.

⁹ Seki (2000, p. 172), referindo-se ao kamaiurá, ressalta: “[...] os complementos nominalizados não vêm associados a elementos correspondentes aos complementadores de línguas indo-europeias”.

Nos dados em (12) e (13), 'potat' (querer) seleciona dois argumentos, distinguindo-se apenas em relação ao estatuto semântico do argumento interno – respectivamente sintagma nominal e uma oração (proposição). Em ambos os casos, 'potat' (querer) é um núcleo lexical¹⁰.

Na seção a seguir, discutimos as propriedades da partícula projetiva 'tá(~matá)', na estrutura oracional do guajá, em termos da abordagem formal da gramaticalização de Roberts e Roussou (2003). Como será demonstrado, nessa língua, essa partícula tem estatuto funcional.

A PARTÍCULA 'tá(~matá)' COMO CATEGORIA FUNCIONAL

Nesta seção, investigamos o estatuto da partícula 'tá(~matá)' no guajá, assumindo a hipótese da gramaticalização, tomando como referência a análise translinguística. Para tanto, adotamos a abordagem formal da gramaticalização de Roberts e Roussou (2003), a ser sistematizada na próxima seção; apresentamos, em seguida, a estrutura oracional do guajá, tomando como referência pressupostos gerativistas (Chomsky, 1995).

A TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA E A GRAMATICALIZAÇÃO DA CATEGORIA 'tá(~matá)'

A análise da partícula 'tá(~matá)' como categoria funcional parte da ideia original de Meillet (1912 [1958] apud Roberts; Roussou, 2003), segundo a qual a gramaticalização consiste do desenvolvimento de material gramatical novo a partir de palavras nocionais. Considerando que a mudança linguística afeta as propriedades formais dos núcleos funcionais (Chomsky, 1995), adotamos ainda os seguintes pressupostos, conforme Roberts e Roussou (2003, p. 2, tradução nossa): "[...] (i) a gramaticalização é um caso de mudança paramétrica [...]; (ii) a gramaticalização é um epifenômeno [...]"¹¹.

No domínio sincrônico, cabe então estabelecer uma caracterização das categorias funcionais, identificando-se o inventário e as propriedades que as distinguem e restringem. Roberts e Roussou (2003, p. 6, tradução nossa) observam que essa distinção permite explicar duas diferenças facilmente observáveis nas línguas. São elas: "[...] (i) as línguas diferem em sua morfologia flexional; (ii) as línguas diferem em relação a quais ordens de palavras são gramaticais"¹². Diante disso, a variação descrita em (i) pode ser explicada em termos da hipótese de que uma dada categoria funcional F pode ter uma expressão fonética ou não, enquanto a diferença em relação à ordem das palavras, referida em (ii), pode ser explicada em termos da variação na capacidade de as categorias funcionais desencadearem movimento.

De acordo com a tradição gerativista, o problema lógico da mudança linguística se resolve no processo de aquisição da língua, assumindo-se a possibilidade de que a evidência no *input* linguístico – o chamado gatilho (em inglês, *trigger*) – para a fixação paramétrica seja insuficiente. A noção de gatilho encontra-se originalmente formulada em Lightfoot (1991, 1999), como um conjunto de enunciados produzidos em uma dada situação – a que a criança tem grande probabilidade de ser exposta – e que 'desencadeia' algum aspecto da gramática que está sendo adquirida. Assumindo que os parâmetros são propriedades do léxico e considerando que o léxico é específico de cada língua, devendo, portanto, ser aprendido, Roberts e Roussou (2003, p. 14, tradução nossa) propõem que a noção de *trigger*

¹⁰ Agradeço à Marina Magalhães (em comunicação pessoal) por apontar a necessidade de identificar os dados (12) e (13) em relação ao estatuto morfossintático do item *potat*, considerado, em ambos os casos, uma categoria lexical (com propriedades predicativas).

¹¹ No original: "[...] (i) that grammaticalization is a regular case of parameter change [...]; (ii) grammaticalization is therefore epiphenomenal [...]" (Roberts; Roussou, 2003, p. 2).

¹² No original: "[...] (i) languages differ in their inflectional morphology; (ii) languages differ in which word orders are grammatical" (Roberts; Roussou, 2003, p. 6).

seja definida como “[q]ualquer parte do *input* que pode fornecer aos aprendizes informação sobre o léxico [...]”¹³. Existe, portanto, um dispositivo de aprendizagem que habilita a criança a adquirir ‘palavras’ (suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas), as quais são responsáveis pela fixação dos parâmetros, dado o pressuposto de que a mudança paramétrica está associada a um subconjunto do léxico, isto é, às categorias funcionais.

Assim, a expressão de um parâmetro consiste em uma sequência do *input* cuja formação é garantida pela gramática que detém um valor paramétrico fixado, sendo a experiência desencadeadora (*trigger experience*) a sequência que expressa esse parâmetro. Por sua vez, essa expressão não pode ser menor do que um morfema nem maior do que um enunciado. Nesse sistema, prevê-se ainda “[...] uma preferência construída internamente por representações relativamente simples”¹⁴ (Roberts; Roussou, 2003, p. 15, tradução nossa) sempre que mudanças morfológicas e fonológicas ‘conspirarem’ no sentido de obscurecer a expressão do parâmetro. A métrica de simplicidade estabelece razão direta entre sincretismo na realização de traços (morfológicos) de categorias funcionais e a complexidade estrutural. Nesse sentido, *move* pressupõe mais complexidade estrutural e, portanto, mais sincretismo; inversamente, ausência de movimento pressupõe a concatenação de uma categoria dotada das especificações morfológicas relevantes, o que pressupõe ausência de sincretismo e uma estrutura mais simples.

Adotaremos a hipótese da gramaticalização conforme descrita nesta seção na análise da partícula ‘*tá*(~*matá*)’ do guajá, e da partícula correlata do kamaiurá. Do ponto de vista morfofonológico, verificamos que suas propriedades são consistentes com a tendência de que categorias funcionais sejam fonologicamente ‘leves’, uma vez que apresentam uma forma reduzida. Consideramos, porém, relevante a análise de Magalhães (2007), segundo a qual a partícula distingue-se da categoria afixal por admitir ser separada do núcleo do predicado por outras categorias, desde que tenham propriedades gramaticais semelhantes – ver exemplo (5), em oposição a (6). Do ponto de vista morfossintático e considerando-se os pressupostos teóricos da presente análise, trata-se de uma categoria funcional dotada de especificações formais que a identificam com um operador temporal/aspectual, situado no domínio medial da estrutura oracional. De acordo com Roberts e Roussou (2003), categorias funcionais são núcleos sintáticos desprovidos de estrutura argumental, que se concatenam por um requisito de seleção de constituinte (seleção-c) e por seu conteúdo lógico, que se mantém estável. Uma forma de caracterizar a distribuição dessas propriedades está formulada na abordagem cartográfica dos núcleos funcionais de Cinque (1999, 2004), em que a posição relativa dos advérbios interage com as propriedades formais dos núcleos funcionais, dando origem a uma estrutura universal. É o que tomamos como referência a seguir, na análise da estrutura oracional do guajá e do kamaiurá, em perspectiva comparada.

A PARTÍCULA ‘*tá*(~*matá*)’ NA ESTRUTURA ORACIONAL DO GUAJÁ

Partimos da hipótese de que a categoria ‘*tá*(~*matá*)’ no guajá é uma partícula aspectual projetiva (PROJ), conforme proposto na análise de Magalhães (2007). Adotando perspectiva translinguística, demonstramos, com base em Seki (2000), que tal item tem um correlato na língua kamaiurá, da família Tupí-Guaraní (TG), do ponto de vista tanto semântico quanto sintático das construções em que ocorre. Argumentamos que a realização da categoria ‘*tá*(~*matá*)’ no guajá como núcleo funcional resulta de um processo de gramaticalização, que pressupõe a existência, em período diacrônico prévio, de um verbo nocional com denotação volitiva/desiderativa e estrutura argumental. Na ausência de

¹³ No original: “Any part of the input that can provide the acquirers with information about the lexicon [...]” (Roberts; Roussou, 2003, p. 14).

¹⁴ No original: “[...] a built-in preference for relatively simple representations” (Roberts; Roussou, 2003, p. 15).

dados diacrônicos da língua guajá, argumentamos em favor dessa hipótese mediante a comparação com o kamaiurá, que, conforme mencionado¹⁵, apresenta, no nível sincrônico, uma categoria funcional correspondente à categoria funcional do guajá¹⁶.

Passamos então à análise das estruturas relevantes, iniciando a discussão com as construções do guajá. Conforme mencionado, na análise de Magalhães (2007), a partícula 'tá(~matá)' codifica o aspecto projetivo (PROJ). Na presente análise, propomos que a partícula 'tá(~matá)' realiza a categoria funcional Tempo (T), tendo em vista a hipótese de que as propriedades definidas por Magalhães (2007) como aspectuais podem ser analisadas em termos da codificação do tempo. Ao vincular a categoria 'tá(~matá)' ao núcleo funcional T, seguimos a tradição que postula o contraste entre línguas que marcam tempo pela oposição 'futuro *versus* não futuro' e 'passado *versus* não passado' (Müller; Bertucci, 2018). Nesse aspecto, não só o guajá, mas outras línguas da família Tupí-Guaraní estão vinculadas ao primeiro grupo.

A questão que se coloca, então, é o que determina que a categoria 'tá(~matá)' seja associada ao núcleo funcional T. A resposta a essa questão parte da observação de Magalhães (2007) de que a categoria 'tá(~matá)' é realizada no domínio do sintagma verbal, admitindo-se que seja separada do verbo apenas por categorias da mesma natureza. Conforme ilustrado em (6), repetido a seguir como (14), 'tá(~matá)' é uma categoria periférica em relação a 'ramõ' e 'té'. Seguindo análise de Magalhães (2007), assumimos que 'ramõ' e 'té' codificam propriedades aspectuais relacionadas ao desenvolvimento do evento: enquanto a categoria 'ramõ' descreve o caráter iminente/imediato (IMED) em relação ao desenvolvimento do evento, a categoria 'té' marca um tipo de aspecto experiencial, em que a certeza em relação à verdade da proposição – leitura evidencial (REAL) – é baseada em um critério inferencial, deduzido da experiência em relação ao evento descrito (no caso, a iminência e a previsibilidade do nascimento).

Seguindo tradição segundo a qual tempo e aspecto são projetados como categorias sintáticas na estrutura oracional, e adotando uma versão da abordagem cartográfica de Cinque (1999, 2004), em que modificadores aspectuais do evento são realizados na projeção de categorias funcionais, podemos supor que tais categorias licenciam os núcleos AspP¹⁷ e TP, acima de VP. Por hipótese, as partículas 'ramõ' e 'té' se deslocam com o núcleo verbal para o domínio de TP, através de AspP, ficando sob o escopo da categoria 'tá' em T¹⁸.

- (14) Ø-wehẽ ramõ té tá guajá
 3-sair IMED REAL PROJ
 'Vai nascer agora mesmo.' Magalhães (2007, p. 112)

Seguindo Chomsky (1995), assumimos que o núcleo funcional T é a categoria básica no campo medial da estrutura oracional, enquanto a categoria C, acima de T, situa-se na periferia da sentença, em que são codificadas propriedades associadas à finitude e à força ilocucionária (Rizzi, 1997). Diante disso, propomos que a categoria 'tá(~matá)' seja projetada

¹⁵ Ver a seção "Contextualização do problema" deste artigo.

¹⁶ A análise translinguística, tal como proposta, apoia-se ainda na observação de Rodrigues (1986), segundo a qual as línguas da família Tupí-Guaraní, a despeito da grande dispersão na América do Sul, mantêm-se coesas na manifestação de várias propriedades morfosintáticas.

¹⁷ As siglas concernentes ao formalismo da teoria gerativa não serão evidenciadas por extenso.

¹⁸ Em resposta a um parecerista anônimo, postulamos que a posição periférica da categoria 'tá(~matá)', em relação às categorias aspectuais 'ramõ' e 'té', conforme (14), assim como a argumentação quanto à sintaxe da negação (cf. 16), constituem evidência para justificar a hipótese de que essa categoria realiza o núcleo TP, situado no campo medial da oração, acima de VP. Por fugir ao escopo da presente discussão, não nos detemos nos detalhes da sintaxe das categorias aspectuais citadas.

no campo medial da estrutura oracional. Em relação a tais categorias, seguimos (parcialmente) a análise de Maia et al. (1999), que postula, além do núcleo T, os núcleos sintáticos AgrS e AgrO, estes últimos associados à computação dos traços formais de concordância de sujeito e de objeto (operação *Agree*), bem como ao movimento (na sintaxe aberta ou fechada) do sujeito e do objeto, a depender da natureza dos traços formais envolvidos (fortes ou fracos).

Na presente análise, seguimos Chomsky (1995), em que os núcleos AgrS e AgrO são excluídos, sob o argumento de que essas categorias são constituídas exclusivamente de traços formais não interpretáveis, o que as torna virtualmente desnecessárias¹⁹. Com essa eliminação, é postulada uma estrutura em camada para o sintagma verbal, nomeadamente [v-V], sendo specvP a posição disponível para o movimento do objeto, gerando OV, na presença de um traço EPP em 'v'.

Retomamos então o dado em (1), repetido como (15a), com a respectiva estrutura sintática (cf. 15b). Por hipótese, em (15b), o núcleo do predicado verbal 'jahó' se desloca para o núcleo funcional T. Nessa posição, o prefixo de pessoa (da série nominativa) realiza o argumento selecionado pelo predicado na posição de sujeito da oração, no caso a 1ª pessoa²⁰:

(15a) a-jahó tá
 1-ir PROJ
 'Eu vou./Eu quero ir.'

(15b) ... [_{TP} [_{a,-}[jahó]] ta [_{VP} t_{jahó} [_{DP} pro_{=1s,i}]]]

Evidência adicional provém da sintaxe de negação. Conforme Magalhães (2007), a negação em guajá é uma categoria descontínua, que se manifesta por uma categoria clítica e por um sufixo²¹. Na presença do item 'tá(~matá)', é esse elemento que hospeda o elemento sufixal, como se depreende do dado em (7), repetido a seguir como (16a). Assumindo-se que a negação é realizada pela categoria funcional NEG, propomos que esse núcleo, no guajá, seja lexicalizado pela categoria '-i', sendo a categoria clítica 'n=' realizada no especificador desse núcleo (uma hipótese que tem sido adotada para a negação dupla em línguas como o francês)²². A linearização é obtida por deslocamento do material em T para o núcleo Neg, por seu caráter afixal. Conclui-se que o fato de '-i' estar anexado ao item 'tá(~matá)' indica que essa operação sintática situa-se no domínio funcional e no campo medial da oração (cf. 16b)²³.

¹⁹ Seguindo Chomsky (1995), assumimos que os predicados transitivos são projetados em uma configuração em camada (*VP shell*), que inclui a categoria funcional 'v', um tipo de 'verbo leve', responsável por introduzir o argumento externo (*E(external) A(argument)*) – [_{VP} EA [_v v [VP]]] e por licenciar formalmente o objeto direto. A derivação inclui a posição para o deslocamento do argumento interno (DP), a saber o especificador de vP, o que permite dar conta do padrão OV, uma opção paramétrica expressa em termos dos traços de v e a hipótese de especificadores múltiplos.

²⁰ Em (15a), o predicado 'a-jahó' é um verbo intransitivo inacusativo 'jahó' ('ir'). Por hipótese, esse tipo de verbo não seleciona argumento externo na estrutura [v-VP], sendo seu argumento gerado como argumento interno, na posição de complemento do verbo. Não vamos nos deter na argumentação quanto a essa propriedade, amplamente discutida na literatura gerativista. Como se depreende da estrutura, o prefixo de pessoa é uma categoria pronominal (DP), que forma palavra com o verbo, na estrutura morfossintática.

²¹ Essa estratégia de negação é encontrada nas demais línguas TG. Veja-se Seki (2000), para o kamaiurá.

²² Em Haegeman (1995), sentenças negativas manifestam o traço [+Neg] na projeção estendida de V. Outras análises adotam a hipótese de um núcleo de polaridade na estrutura da oração. Deixamos o aprofundamento da discussão sobre a sintaxe da negação nas línguas TG para pesquisa futura.

²³ A estrutura em (16b) não inclui a categoria 'hí', glosada, na análise de Magalhães (2007, p. 128), como 'intensificador' (INTS). Uma possível análise seria considerar que se trata de um advérbio de VP, conforme sugere um parecerista anônimo. Deixamos a argumentação sobre sua distribuição sintática para pesquisa futura.

- (16a) **n=a-xá tá-r-i-hí**
 NEG=1-ver PROJ-NEG-INTS
 'Não vou ver./'Não quero ver mesmo.'

(16b) ... [_{NEG} n [_{NEG'} [[a_i-[xá]] ta(r)]_i] [_{TP} t_j [_{VP} [pro=1s]_i] [_{V'} v_[xá]] [_{VP} t_[xá]] [_{DP} pro_{arb}]]]]]]

Por hipótese, a estrutura em (15b) pode ser generalizada para os dados em (3), (4) e (5), repetidas em (17a), (18a) e (19a), em que ocorre a partícula 'tá(~matá)', conforme demonstrado, respectivamente, nas estruturas em (17b), (18b) e (19b), a seguir²⁴:

- (17a) **Ø-iká matá kamará-Ø 'á-peka 'á-pe**
 3-matar PROJ índio-N lá-LOC mato-LOC
 'O índio quer matar para lá, no mato.'

(17b) ... [_{TP} [Ø_i-[iká]] mata [_{VP} [_{DP} kamará-Ø]_i] [_{V'} t_{iká}] [_{VP} [DP pro_{arb}] [...]]]]]]

- (18a) **amýn-a Ø-ký tá ajpó**
 chuva-N 3-cair PROJ POSS
 'Talvez chova.'

(18b) ... [_{TP} [_{DP} amýn-a]_i] [_{T'} [Ø_i-[ký]] tá [_{VP} t_{ky}] [_{DP_i}]]]]]]

- (19a) **i-kirá tá**
 R²-gordo PROJ
 'Vai ficar gordo.'

(19b) ... [_{TP} [_i-[kirá]] ta [_{AP} [_{DP} pro]_i] [_{A'} t_{kirá} ...]]]]

Uma consequência de postular que a partícula 'tá(~matá)' tem estatuto funcional é assumir que tais construções são mono-oracionais, conforme se depreende das derivações em (15)-(18). Nesse sentido, a partícula 'tá(~matá)', além de realizar o núcleo funcional T, tem o papel de definir a posição sintática do licenciamento do sujeito. A hipótese da gramaticalização pressupõe uma fase na diacronia em que a referida partícula é uma categoria lexical, como será demonstrado com a análise do kamaiurá.

A GRAMATICALIZAÇÃO DA CATEGORIA 'tá(~matá)' DO GUAJÁ

Nesta seção, analisamos a gramaticalização como um processo em que tal categoria passa a ocorrer como um verbo de reestruturação. Conforme mencionado, a hipótese é que a partícula 'tá(~matá)' do guajá ocorre no

²⁴ A estrutura em (18b) não inclui a categoria 'aipó', glosada, na análise de Magalhães (2007, p. 86), como um modal de 'possibilidade' (POSS). Na cartografia de Cinque (1999, 2004), trata-se de uma categoria adverbial realizada na projeção de um núcleo funcional especificado para traços formais de modalidade, situado no campo medial da oração, acima de VP. Deixamos para pesquisa futura a discussão quanto aos detalhes de sua distribuição na estrutura oracional.

núcleo T, na estrutura oracional, como resultado de um processo em que esse item deixa de ser um verbo lexical, passando a ocorrer como categoria funcional. Trata-se, portanto, de distinguir verbos funcionais e verbos nocionais: enquanto os primeiros formam uma classe fechada e denotam propriedades lógicas, os últimos são uma classe aberta e manifestam estrutura argumental.

Nossa hipótese de trabalho é que a presença das duas categorias no léxico do kamaiurá evidencia, na sincronia, o caminho do desenvolvimento diacrônico já concluído no guajá. Na ocorrência como categoria funcional, é um auxiliar pré-modal, com propriedades de um verbo de reestruturação, enquanto como categoria lexical, é um verbo transitivo – uma abordagem antecipada em Salles (2002). Esta análise encontra paralelo no estudo de Roberts e Roussou (2003, p. 36-48) para o desenvolvimento diacrônico de verbos modais no inglês moderno, a partir de verbos nocionais. De acordo com os autores, a gramaticalização dos modais em inglês resulta nas seguintes propriedades: (i) a ausência de marca de infinitivo ('to'); (ii) impossibilidade de iteração; (iii) ausência de argumentos internos (exceto o predicado encaixado); (iv) distribuição complementar com '*do-support*' (suporte do auxiliar '*do*') e posição anteposta à negação; (v) movimento para C em contexto de inversão obrigatória em perguntas; (vi) licenciamento de fronteamto de VP (e elipse de VP); (vii) possibilidade de contração, diferentemente de verbos nocionais.

Tais características são encontradas (parcialmente) no guajá. É o caso de (iii), (iv) e (vii). Conforme demonstrado em (15b), o núcleo '**tá(~matá)**', no guajá, ocorre com o predicado encaixado '**jahó**', mas não seleciona argumento interno. Além disso, o guajá manifesta um tipo de dupla negação, sendo uma delas afixal, ocorrendo em posição anteposta à categoria '**tá(~matá)**', como se depreende da análise em (16b). Finalmente, a possibilidade de contração tem como correlato a forma reduzida '**tá**', em oposição a '**matá**', um fenômeno amplamente reportado nos processos de gramaticalização.

Na teoria sintática, a reestruturação é observada em sentenças com auxiliares modais, aspectuais e causativos, que selecionam verbos no infinitivo. Sua principal característica é que operações sintáticas exclusivas são observadas nesses contextos, o que se confirma por diagnósticos como o movimento do verbo encaixado ou de categorias vinculadas, entre outras²⁵. Wurmbrand (2001) desenvolve uma análise elaborada da reestruturação, considerando primordialmente auxiliares modais, de movimento, aspectuais e causativos no alemão (e outras línguas germânicas). Segundo a autora, tais verbos selecionam uma configuração oracional com estrutura funcional reduzida, em que a projeção funcional CP está ausente, e o infinitivo não manifesta tempo (*tense/less*). Na presente análise, a gramaticalização está associada ao processo de reestruturação, em que o predicado encaixado perde material funcional.

Embora o paralelo com as línguas da família Tupí-Guaraní não seja completo, pelo fato de não haver uma categoria verbal no infinitivo, gostaríamos de avançar a hipótese de que as estruturas com a partícula '**tá(~matá)**' do guajá e equivalentes em outras línguas dessa família linguística podem ser analisadas como predicados de reestruturação. Assumindo-se a hipótese de reestruturação, propomos que a partícula '**potat**' ocorre nas seguintes estruturas no kamaiurá: (i) uma em que '**potat**' é uma categoria lexical, que seleciona um argumento interno (que pode ser um nome ou uma nominalização) – cf. (20a) –; e (ii) outra em que '**potat**' é um auxiliar modal, que forma

²⁵ A reestruturação de predicados é postulada em Rizzi (1982), na análise do fenômeno de subida do clítico, observada com verbos modais e aspectuais no italiano (mas também em outras línguas românicas, como o português europeu). Por exemplo, na sentença 'Quero-te ver', o pronome clítico ('te'), argumento do verbo 'ver', ocorre no domínio sintático do modal volitivo ('quero'), em virtude da reestruturação dos predicados, pela qual a fronteira oracional se torna transparente para o movimento do clítico pronominal. Um requisito para a ocorrência desse fenômeno é a dependência temporal entre os predicados. Interessantemente, o auxiliar modal nos predicados de reestruturação alinha-se com a partícula '**tá(~matá)**' do guajá (e sua correspondente no kamaiurá).

uma perífrase com o sintagma verbal – *cf.* (21a). Na configuração perifrástica, que interessa à presente discussão, ocorre o processo de reestruturação de predicado, conforme formalizado por Wurmbrand (2001), o que se evidencia pelo movimento do verbo na sintaxe aberta.

A conclusão é que o léxico do kamaiurá contém dois itens homônimos, com estatuto categorial distinto: em (20b), é o núcleo lexical V, na estrutura do predicado verbal; em (21b), é uma partícula dedicada, que lexicaliza o núcleo funcional T²⁶.

(20a) **a-potar=ete** **kunu'um-a** **i-jo-taw-a**
 1SG-querer=ATUAL menino-N 3-ir-NZR-N
 'Eu quero que o menino vá (a Brasília).'

(20b) ... [_{TP} a_i-potar [_{VP} [_{pro}_{1s,i}] [_v [_{VP} t_{potar} [_{DP} [_{DP} kunu'um-a]_j [_{DP} [_{NP} i-jo-taw-a]]]]]]]]]]

(21a) **ere-o-potat**
 2SG-ir-querer
 'Você quer ir.'

(21b) ... [_{TP} [ere_i-[o-]] potat [_{VP} t_o [_{DP} pro_{2s,i}]]]]]]]]

Retomando o contraste entre o guajá e o kamaiurá, concluímos que a reanálise consiste na redução estrutural, motivada pela perda de material funcional na estrutura do predicado encaixado. Na análise da gramaticalização do modal 'will' como auxiliar marcador de futuro a partir do verbo lexical, observada no inglês antigo, Roberts e Roussou (2003, p. 40-41) distinguem o estatuto da categoria em termos da oposição entre a estrutura de controle (bi-oracional), em que o predicado encaixado é um CP, com o sujeito PRO (pronominal volitivo), e a de alçamento do sujeito (mono-oracional), em que o predicado encaixado ocorre em uma projeção reduzida, sendo seu argumento alçado para a posição de sujeito do predicado mais alto (modal). Os autores argumentam que a presença do modal 'will' em predicados meteorológicos, em que ocorre o sujeito pronominal expletivo (*it*), é evidência para a manifestação da estrutura mono-oracional, pela impossibilidade de ligação do pronome PRO (sujeito volitivo) pelo pronome expletivo.

Exemplificamos a seguir, com o dado (4), repetido em (22a), um predicado que denota evento climático, no guajá, em que a categoria 'tá(~matá)' ocorre com o verbo lexical inacusativo 'Ø-ky' (cair), que seleciona o argumento (interno) 'amÿn-a' (chuva). Sugerimos que, nesse caso, a ausência do traço de agentividade, uma propriedade definidora do argumento interno dos predicados inacusativos, é evidência para a realização do sujeito por alçamento, conforme ilustrado na estrutura (22b), em oposição à estrutura de controle. Dessa forma, exclui-se a hipótese de uma estrutura de controle, em que esse argumento estaria ocorrendo como sujeito volitivo, a ligar um argumento pronominal encaixado do tipo PRO:

²⁶ Em (20), o verbo tem como objeto o DP 'kunu'um-a i-jo-taw-a', que contém a nominalização do verbo intransitivo 'ir', por meio do sufixo 'taw'.

- (22a) **amỹn-a Ø-ky tá ajpó** guajá
 chuva-N 3-cair PROJ POSS
 'Talvez chova.' Magalhães (2007, p. 86)

- (22b) ... [_{TP} [_{DP} amỹn-a]_j] [_T [Ø-ky]_i] tá [_{VP} t_{[ky]_i} [_{DP} t_j]]]

Essa análise se sustenta ainda em termos da presença do prefixo de pessoa na marcação da concordância de sujeito no verbo nessas línguas. Como se observa no dado em (20), do kamaiurá, o prefixo de pessoa é anexado à categoria verbal, '**a-potar=ete**' (1SG-querer). Por hipótese, a ocorrência do prefixo na estrutura do predicado confirma sua realização como núcleo lexical, o que não acontece nos contextos em que ocorre como categoria funcional. No guajá, a partícula '**ta(~matá)**' não recebe marca gramatical de pessoa em nenhum dos dados examinados. Nesse aspecto, o guajá alinha-se com o kamaiurá em relação à exigência de que somente o verbo lexical receba o prefixo de concordância de sujeito. Diante disso, diferentemente do guajá, o kamaiurá manifesta duas entradas para o item '**potat**', a saber a categoria lexical, capaz de nuclear o predicado e de receber marcas de pessoa, e a categoria funcional, que assume o papel de operador temporal, marcador da oposição futuro *versus* não futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigou as propriedades gramaticais da partícula '**ta(~matá)**' e '**potat**', do guajá e do kamaiurá, respectivamente. Concluímos que, no guajá, o item '**ta(~matá)**' lexicaliza o núcleo T como uma partícula dedicada, por concatenação (*merge*). Diferentemente, no kamaiurá, o item '**potat**' ocorre como categoria lexical transitiva e como um pré-modal, que corresponde a uma categoria que seleciona uma estrutura oracional reduzida.

Com esse contraste, captamos a hipótese da reanálise estrutural, por um lado, e dos passos da mudança, por outro, conforme prevê a teoria da gramaticalização proposta por Roberts e Roussou (2003). Evidência para essa análise está na distribuição das marcas formais de concordância, observada na categoria '**potat**', do kamaiurá, em sua ocorrência como predicado lexical, mas não na categoria '**ta(~matá)**', do guajá.

Concluímos que a hipótese da redução/reanálise estrutural é uma opção plausível na análise da mudança linguística, manifestando-se sempre que os dados do *input* linguístico não estejam suficientemente robustos para determinar as propriedades formais relevantes das categorias funcionais da língua-alvo, dando origem a arranjos morfossintáticos inovadores, como se observa em relação à partícula '**ta(~matá)**', do guajá, na comparação com seu correlato no kamaiurá.

ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	INST	instantâneo	REAL	evidencial de certeza
2	segunda pessoa	INTS	intensificador	R ¹	relacional do tipo 1
3	terceira pessoa	N	caso nominal		(indica contiguidade do
ABL	ablativo	NEG	negação		sintagma dependente)
ATUAL	evidencial de certeza	NZR	nominalizador	R ²	relacional do tipo 2
DES	desiderativo	PERFT	partícula perfectiva		(indica não contiguidade do
IMED	aspecto imediativo	POSS	modalizador de possibilidade		sintagma dependente)
	/iminentivo	PROJ	projetivo	SG	singular



REFERÊNCIAS

- CINQUE, Guglielmo. "Restructuring" and functional structure. *In*: BELLETTI, Adriana (ed.). **Structures and Beyond: the cartography of syntactic structures**. Oxford: Oxford University Press, 2004. v. 3, p. 132-191.
- CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: its nature, origin, and use**. New York: Praeger, 1986.
- HAEGEMAN, Liliane. **The Syntax of Negation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. (Cambridge in Studies Linguistics, 75).
- LIGHTFOOT, David. **The development of language: acquisition, change, and evolution**. London: Blackwell Publishers, 1999.
- LIGHTFOOT, David. **How to set parameters: arguments from language change**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva. **Sobre a morfologia e a sintaxe da língua guajá (família Tupi-Guarani)**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- MAIA, Marcus; FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne de Freitas; SOARES, Marília Facó; VIEIRA, Marcia Damaso. A estrutura da oração em línguas indígenas brasileiras. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 1, fev./jul. 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000100001>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100001. Acesso em: 23 jan. 2019.
- MEILLET, André. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Champion, 1912 [1958].
- MÜLLER, Ana; BERTUCCI, Roberlei. O aspecto e a interpretação de presente em línguas passado/não-passado *versus* futuro/não-futuro. *In*: PILATI, Eloisa; MOREIRA, Bruna (ed.). **Estudos formalistas das línguas naturais**. Campinas: Pontes, 2018. p. 11-48.
- RIZZI, Luigi. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris Publications, 1982. (Studies in Generative Grammar [SGG]).
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane (ed.) **Elements of grammar: handbook in generative syntax**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.
- ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. **Syntactic Change: a minimalist approach to grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 233-252, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v3i2.16264>.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. **Boletim da ABRALIN**, Campinas, v. 19, p. 57-66, 1996.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984-1985.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. **Letras**, [S. l.], v. 1, p. 121-152, 1953.
- SALLES, Heloisa Maria Lima. Subordinação em Línguas da Família Tupi-Guarani. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., 2002, Belém. **Atas** [...]. Belém: UFPA, 2002. v. 1, p. 418-424.
- SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2000.
- WURMBRAND, Susanne. **Infinitives: restructuring and clause structure**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.